

O Cemitério Marinho – Paul Valéry

No tranquilo teto caminham as aves,
Entre pinhos freme, entre tumbas graves;
O justo meio-dia traz seus lumes
O mar, o mar, sempre a recomçar!
Ó recompensa após de se pensar
Com longo olhar sobre a calma dos numes!

Que o lavor de finas luzes consuma
Os diamantes de impercebível escuma,
E que paz se pode então conceber!
Quando sobre o abismo um sol se aderna,
Trabalhos puros de uma causa eterna.
O tempo cintila e o sonho é saber.

Estável tesouro, templo de Minerva,
Massa de calma e visível reserva,
Água sobranceira e olho discreto
Tanto sono sob véu que a chama espalma,
Ó meu silêncio... Edifício n'alma,
Mas cimo de ouro e telhas mil, Teto!

Templo do tempo que um suspiro resume,
A este ponto subo e ao seu volume
Todo envolto em meu olhar de oceano;
E como aos deuses minha oferta pleiteia,
A serena cintilação semeia
Na altitude um desdém soberano.

Como o fruto se funde em excelência,
Como em delícia muda sua ausência
Numa boca em que as formas morrem humosas,
Sorvo aqui minha fumaça esperada
E o céu entoa à alma consumada
A mudança das margens rumorosas.

Belo e vero céu, olha-me como mudo
Após tanto orgulho e, sobretudo,
Após um ócio pleno de poder,
Abandono-me a este claro espaço
Sobre a casa dos que morreram eu passo,
Para acostumar-me ao meu frágil mover.

A alma exposta às tochas do solstício,
Eu te auxilio, justíssimo ofício,
Da luz às armas, sem piedade,
Levo-te puro ao teu lugar primeiro.
Mira-te... mas devolver o luzeiro
Pressupõe da sombra a morna metade.

Só para mim, sem outro estratagema,
Junto ao peito, nas fontes do poema,
Entre o vazio e o evento puro,
Espero o eco da grandeza interna,
Amarga, sombria e sonora cisterna,
Soando n'alma o vazio futuro!

Sabes tu, falso cativo das folhagens,
Fosso devorador dessas gradagens,
Em meus olhos e segredos invidentes,
Que corpo me arrasta ao fim preguiçoso
Que frente o atrai ao solo argiloso?
Uma centelha aqui pensa em meus ausentes.

Fechado, fogo que não se introduz,
Fragmento terrestre aberto à luz,
Prezo este lugar repleto de tochas,
Composto de pedras e folhas sombrias,
Onde o mármore treme nas atonias;
O mar fiel dorme em tumbas de rochas!

Cadela esplêndida, afasta o herege!
Eu, pastor solitário que protege,
Apascento carneiros misteriosos,
A branca fileira de meus túmulos
Afasta daqui as pombas aos cúmulos.
Os sonhos vãos, os anjos curiosos!

Aqui chegado, o futuro é preguiça.
O inseto raspa a secura mortíça
Tudo queimado, desfeito, ao desamparo
E não sei para que severa essência...
A vida é vasta, por ébria de ausência,
E o amargor, doce, o espírito, preclaro.

Os mortos, ocultos, estão na terra
Que os aquece e no mistério encerra.
Meio-dia acima, sem movimento
Pensa em si e a si se apraz, sem dilema,
Mente completa, cabal diadema,
Sou em ti o secreto reviramento.

Só tens a mim a conter teus temores!
Meus arrependimentos e amargores
Eis os defeitos de teu diamante.
Mas na pesada noite de mármore
Vaga um povo entre raízes de árvore
E de teu partido é diletante.

Fundiu-se numa ausência copiosa,
O barro sorveu a grei silenciosa,
O dom de viver passou para as flores!
Onde estão as frases familiares,
A arte pessoal, as almas singulares?
A larva tece onde estavam os clamores.

Os gritos das meninas excitadas,
Os olhos, dentes, pálpebras molhadas,
O seio atraente brinca com fogo,
O sangue fervilha, os lábios se rendem,
Os dons finais, os dedos que os defendem,
Tudo retorna à terra neste jogo.

E tu, grande alma, um sonho te inspira
Que não terá as cores da mentira,
Com que a onda e o ouro nos entretêm?
Cantarás quando fores vaporosa?
Tudo foge se a presença é porosa.
A santa impaciência morre também!

Magra eternidade, negra e dourada,
Consoladora, atroz e laureada,
Que da morte fazes seio materno,
A bela farsa e piedosa escusa!
Quem a conhece e não os recusa,
Este crânio vazio e o riso eterno!

Pais profundos, fronte inabitadas,
Que sob o peso de tantas enxadas,
Sois a terra e os passos nos baralhas,
O roedor, o verme irrefutável
Não é para vós, de sono imutável,
Vive da vida e não me deixa mais!

Amor ou, quem sabe, ódio de mim?
Seu dente secreto está perto, sim,
Que qualquer nome lhes pode convir!
Qu' importa! Eles sonham, tocam e me querem,
Minha carne lhes agrada e preferem.
A estes seres vivo para servir.

Zenão, Zenão de Eleia e da charada!
Feriste-me com esta flecha alada,
Que vibra, revoa e não se sustenta!
O som me dá vida e a flecha me mata.
Para a alma, sombra de viés e ingrata
Se Aquiles corre e não se movimenta.

Não, não... De pé! Na era sucessiva!
Quebrai, corpo, esta forma pensativa!
Peito meu, bebei o nascer do vento!
Um frescor, que vem do mar exalado,
Devolve-me a alma... Ó poder salgado!
Corramos à onda de vivo alento.

Sim! Grande mar de amênia desabrida,
Pele de fera e clâmide fendida,
De mil e muitos ídolos do sol.
Bêbado de azul, hidra absoluta,
Quem te morde a cauda brilhante e bruta
No agitado silêncio de teu crisol.

O vento se eleva!... Há que se viver!
O ar folheia o livro que estou a ler,
As ondas explodem como em procelas!
Dispersai-vos, páginas deslumbradas!
Rompei, vagas, com águas animadas

O calmo telhado onde bicam as velas.

*Ce toit tranquille, où marchent des colombes,
Entre les pins palpite, entre les tombes;
Midi le juste y compose de feux
La mer, la mer, toujours recommencée!
Ô récompense après une pensée
Qu'un long regard sur le calme des dieux!*

*Quel pur travail de fins éclairs consume
Maint diamant d'imperceptible écume,
Et quelle paix semble se concevoir!
Quand sur l'abîme un soleil se repose,
Ouvrages purs d'une éternelle cause,
Le Temps scintille et le Songe est savoir.*

*Stable trésor, temple simple à Minerve,
Masse de calme, et visible réserve,
Eau sourcilleuse, Œil qui gardes en toi
Tant de sommeil sous un voile de flamme,
Ô mon silence!... Édifice dans l'âme,
Mais comble d'or aux mille tuiles, Toit!*

*Temple du Temps, qu'un seul soupir résume,
À ce point pur je monte et m'accoutume,
Tout entouré de mon regard marin ;
Et comme aux dieux mon offrande suprême,
La scintillation sereine sème
Sur l'altitude un dédain souverain.*

*Comme le fruit se fond en jouissance,
Comme en délice il change son absence
Dans une bouche où sa forme se meurt,
Je hume ici ma future fumée,
Et le ciel chante à l'âme consumée*

Le changement des rives en rumeur.

*Beau ciel, vrai ciel, regarde-moi qui change!
Après tant d'orgueil, après tant d'étrange
Oisiveté, mais pleine de pouvoir,
Je m'abandonne à ce brillant espace,
Sur les maisons des morts mon ombre passe
Qui m'apprivoise à son frêle mouvoir.*

*L'âme exposée aux torches du solstice,
Je te soutiens, admirable justice
De la lumière aux armes sans pitié!
Je te rends pure à ta place première:
Regarde-toi !... Mais rendre la lumière
Suppose d'ombre une morne moitié.*

*Ô pour moi seul, à moi seul, en moi-même,
Après d'un cœur, aux sources du poème,
Entre le vide et l'événement pur,
J'attends l'écho de ma grandeur interne,
Amère, sombre, et sonore citerne,
Sonnant dans l'âme un creux toujours futur!*

*Sais-tu, fausse captive des feuillages,
Golfe mangeur de ces maigres grillages,
Sur mes yeux clos, secrets éblouissants,
Quel corps me traîne à sa fin paresseuse,
Quel front l'attire à cette terre osseuse?
Une étincelle y pense à mes absents.*

*Fermé, sacré, plein d'un feu sans matière,
Fragment terrestre offert à la lumière,
Ce lieu me plaît, dominé de flambeaux,
Composé d'or, de pierre et d'arbres sombres,
Où tant de marbre est tremblant sur tant d'ombres ;
La mer fidèle y dort sur mes tombeaux !*

*Chienne splendide, écarte l'idolâtre!
Quand, solitaire au sourire de pâtre,
Je pais longtemps, moutons mystérieux,
Le blanc troupeau de mes tranquilles tombes,
Éloignes-en les prudentes colombes,
Les songes vains, les anges curieux!*

*Ici venu, l'avenir est paresse.
L'insecte net gratte la sécheresse ;
Tout est brûlé, défait, reçu dans l'air
À je ne sais quelle sévère essence...
La vie est vaste, étant ivre d'absence,
Et l'amertume est douce, et l'esprit clair.*

*Les morts cachés sont bien dans cette terre
Qui les réchauffe et sèche leur mystère.
Midi là-haut, Midi sans mouvement
En soi se pense et convient à soi-même...
Tête complète et parfait diadème,
Je suis en toi le secret changement.*

*Tu n'as que moi pour contenir tes craintes!
Mes repentirs, mes doutes, mes contraintes
Sont le défaut de ton grand diamant...
Mais dans leur nuit toute lourde de marbres,
Un peuple vague aux racines des arbres
A pris déjà ton parti lentement.*

*Ils ont fondu dans une absence épaisse,
L'argile rouge a bu la blanche espèce,
Le don de vivre a passé dans les fleurs!
Où sont des morts les phrases familières,
L'art personnel, les âmes singulières?
La larve file où se formaient des pleurs.*

*Les cris aigus des filles chatouillées,
Les yeux, les dents, les paupières mouillées,
Le sein charmant qui joue avec le feu,
Le sang qui brille aux lèvres qui se rendent,
Les derniers dons, les doigts qui les défendent,
Tout va sous terre et rentre dans le jeu!*

*Et vous, grande âme, espérez-vous un songe
Qui n'aura plus ces couleurs de mensonge
Qu'aux yeux de chair l'onde et l'or font ici?
Chanterez-vous quand serez vaporeuse?
Allez! Tout fuit! Ma présence est poreuse,
La sainte impatience meurt aussi!*

*Maigre immortalité noire et dorée,
Consolatrice affreusement laurée,
Qui de la mort fais un sein maternel,
Le beau mensonge et la pieuse ruse!
Qui ne connaît, et qui ne les refuse,
Ce crâne vide et ce rire éternel!*

*Pères profonds, têtes inhabitées,
Qui sous le poids de tant de pelletées,
Êtes la terre et confondez nos pas,
Le vrai rongeur, le ver irréfutable
N'est point pour vous qui dormez sous la table,
Il vit de vie, il ne me quitte pas!*

*Amour, peut-être, ou de moi-même haine?
Sa dent secrète est de moi si prochaine
Que tous les noms lui peuvent convenir!
Qu'importe ! Il voit, il veut, il songe, il touche!
Ma chair lui plaît, et jusque sur ma couche,
À ce vivant je vis d'appartenir!*

*Zénon! Cruel Zénon! Zénon d'Élée!
M'as-tu percé de cette flèche ailée
Qui vibre, vole, et qui ne vole pas!
Le son m'enfante et la flèche me tue!
Ah! le soleil... Quelle ombre de tortue
Pour l'âme, Achille immobile à grands pas!*

*Non, non!... Debout! Dans l'ère successive!
Brisez, mon corps, cette forme pensive!
Buvez, mon sein, la naissance du vent!
Une fraîcheur, de la mer exhalée,
Me rend mon âme... Ô puissance salée!
Courons à l'onde en rejaillir vivant!*

*Oui! Grande mer de délires douée,
Peau de panthère et chlamyde trouée
De mille et mille idoles du soleil,
Hydre absolue, ivre de ta chair bleue,
Qui te remords l'étincelante queue
Dans un tumulte au silence pareil,*

*Le vent se lève!... Il faut tenter de vivre!
L'air immense ouvre et referme mon livre,
La vague en poudre ose jaillir des rocs!
Envolez-vous, pages tout éblouies!
Rompez, vagues! Rompez d'eaux réjouies
Ce toit tranquille où picoraient des focs!*